

Pipoca e reflexões críticas: a intergeracionalidade no CineTrans do Ncep UFPR¹

Natali dos Santos Slusarz Schovarts²

Ana Luiza Ramos Moretti Ferreira³

Gustavo Aleixo de Sousa⁴

José Carlos Fernandes⁵

Criselli Maria Montipó⁶

Universidade Federal do Paraná - UFPR

RESUMO

As trocas durante o CineTrans, cineclube vinculado ao Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), programa de extensão da Universidade Federal do Paraná (UFPR), são o foco deste trabalho. Nosso objetivo é compreender as contribuições da intergeracionalidade presente no CineTrans. A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica, documental e questionário, aplicado entre abril e junho de 2025. Os resultados evidenciam a diversidade das vivências trans e a necessidade de escuta às pautas de dignidade que garantam direto à saúde, à velhice, ao cuidado e ao afeto.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Gênero; Transexualidade; Cineclube; Comunicação.

Introdução

Na prática cineclubista – que se configura em um espaço pedagógico e político – as discussões se desdobram em reflexão crítica. Pensado a partir das trocas entre a comunidade extensionista e a comunidade trans, o CineTrans é desenvolvido desde 2022, centrado na ideia de um cineclube, ou seja, a partir da exibição de obras audiovisuais produzidas pela comunidade ou sobre temáticas trans, seguido de discussões pertinentes à diversidade, à representação e aos aspectos comunicacionais implicados nas obras. O projeto de extensão integra o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), programa extensionista existente desde 2003 no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Embrionado a partir da dialogia freireana, o programa busca *pensar com a comunidade*, a partir de projetos construídos pela autonomia (Freire, 2019), horizontalidade e educomunicação.

¹Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: natali.schovarts@ufpr.br

³ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Relações Públicas da UFPR, email: analuiza3@ufpr.br.

⁴ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: gustavoaleixo@ufpr.br.

⁵Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Departamento de Comunicação (Decom/UFPR). Coordenador do Ncep UFPR. E-mail: zecafernandes1964@gmail.com.

⁶Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR. Orientadora do trabalho. E-mail: criselli@gmail.com.

Desenhado a partir da escuta, o CineTrans tem o intuito de aproximar a comunidade trans da comunidade acadêmica, com parcerias e público diversificado. Com pipoca e afetos, as sessões do cineclube são realizadas periodicamente e costumam receber cerca de 20 a 30 participantes. Mais de 200 pessoas já passaram pelas dez edições realizadas desde 2022, com um alcance indireto de 500 pessoas. O CineTrans relaciona-se com a democratização dos meios de comunicação pela exibição gratuita de filmes sobre a temática ou com protagonismo trans.

Após a sessão é criado um ambiente de roda de conversa sobre as principais questões abordadas no filme, para promover e incentivar o protagonismo trans em diversos aspectos (Freiberger et al, 2023). Como os assuntos tratados são de extrema sensibilidade, a dinâmica de roda busca oferecer acolhimento, com dois mediadores que levantam questões sobre o filme, relacionando-o com a realidade. A figura central do debate é ocupada sempre por uma pessoa trans, convidada a ser debatedora. Nessa dinâmica, muitas opiniões são levantadas, trazendo diversas perspectivas e realidades da vivência trans (Schovarts et al, 2025).

Para a presente reflexão, partimos da pergunta: Como as trocas intergeracionais contribuem com os debates realizados nas sessões do CineTrans? O objetivo é compreender as contribuições da diversidade geracional nas trocas de experiências relatadas durante as sessões do CineTrans. A reflexão atual busca avançar na versão preliminar de análise de dados, coletada de abril a junho de 2025.

O presente trabalho está dividido em outras cinco seções. Buscamos discutir aspectos das vivências trans, marcadas por baixa expectativa de vida no Brasil; apresentamos questões intergeracionais frente às interseccionalidades; delineamos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, que conta com questionário para coletar percepções dos participantes do CineClube; destacamos os resultados a partir do levantamento de dados e tecemos as considerações finais.

Vivências trans no Brasil: um breve contexto

Quando se buscam dados sobre a população transgênero e transexual no Brasil, logo se encontra uma lacuna estatística, tendo em vista que nem mesmo os dados censitários mais recentes explicitam informações sobre a comunidade LGBTQIAPN+. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Censo

Demográfico de 2022, a população brasileira tem cerca de 104,5 milhões de mulheres e 98,5 milhões de homens, levando em conta apenas o sexo biológico ao nascer. A falta desses dados evidencia o quanto a comunidade é negligenciada.

Diante desta ausência, estudos acadêmicos e de organizações de terceiro setor têm procurado trazer um panorama da população trans no Brasil. Segundo a pesquisa *Proporção de pessoas identificadas como transgênero e gênero não binário no Brasil* (Spizzirri et al, 2021), em 2021, estima-se que quase 3 milhões de indivíduos da população adulta brasileira se identifica como transgênero ou não-binário. Não há produção de pesquisas e dados por ausência ou precariedade de ações governamentais, o que marginaliza essa população (Jorge, 2021).

Se de um lado há déficit sobre o perfil dessa população, por outro, sabe-se que esse é um dos grupos sociais que mais sofre violência no país, conforme o *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transsexuais brasileiras em 2024*, elaborado pela Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (Antra). O documento traz dados de 2017 a 2024 e identificou um total de 1179 assassinatos de travestis, pessoas trans e não-binárias brasileiras no período. Relatando uma média de 147 assassinatos por ano e 12 casos por mês (Benavides, 2025).

Conforme o dossiê da Antra, a expectativa de vida média de uma pessoa transsexual no Brasil é de 35 anos. A idade é um fator relevante e marcante ao analisar a violência cometida contra essa comunidade. De 2017 a 2024, a maior população afetada é de 18 a 29 anos. A falta de dados reflete a inexistência de políticas públicas para a preservação da vida da população trans e é uma constante nas discussões do CineTrans, que abrange participantes de diversas faixas etárias. Deste modo, buscamos refletir sobre a diversidade geracional neste recorte interseccional.

Questões intergeracionais e interseccionalidades trans

A exposição de um grupo de pessoas com idades semelhantes a acontecimentos históricos, políticos e culturais parecidos é o que define uma geração (Laufer; Bengston, 1974). Apesar de ser um fenômeno recorrente ao longo da História da humanidade, se atentarmos para a virada do século XIX para o XX, entre os anos 1990 e 2000, diversas gerações foram marcadas por acontecimentos diferentes, como guerras e crises econômicas. Essas experiências marcam a personalidade desses grupos, os

transformando em pessoas mais rígidas ou mais flexíveis em questão de costumes e hábitos sociais. O fenômeno derivado dessas diversas gerações convivendo juntas em determinados períodos denomina-se como intergeracionalidade (Walcholz; Fiamoncini, 2006).

O modelo de Gail Sheehy (1997)⁷, citado por Walcholz e Fiamoncini (2006), presume seis gerações diferentes que vão de 1914 à 1980, e permite analisar contextos sociais que possam ser a causa de comportamentos característicos em distintos grupos etários. A partir da análise do modelo de Sheehy, é possível identificar mudanças de comportamento entre estas gerações, inclusive conflitos entre elas. O que acontece é um movimento, no qual os mais jovens se distanciam ainda mais dos mais velhos, em dimensões morais.

[...] os primeiros preocupam-se em transmitir com sucesso seus valores, a fim de justificar sua própria existência, enquanto as gerações mais novas buscam estabilizar seus próprios valores, recorrendo a estratégias compatíveis com as atuais modernidades para isto. (Walcholz; Fiamoncini, 2006, p. 9)

As vivências histórico-sociais são marcas das diferentes gerações que, para além de momentos cronológicos, trazem consigo marcas das transformações sócio-históricas. Apesar de outras classificações, prevalece a definição das gerações contemporâneas. Conforme Santos Neto e Franco (2010), a geração X é formada por nascidos entre 1965 e 1978, período marcado pelos movimentos *hippies*, pela revolução sexual, ditaduras, crise econômica-energética e seu consequente desemprego, e cresceu na cultura dos meios de massa. Chamada também de *millennials*, a geração Y nasceu entre 1979 e 1992, marcada pela revolução tecnológica, globalização e também pelas questões ecológicas. A geração Z é composta por pessoas que nasceram a partir de 1993, sendo uma das gerações nativas digitais, assim como a geração Y e a geração Alfa (nascidos depois de 2010).

A partir destas classificações, é possível analisar como as gerações mais novas de pessoas da comunidade trans se relacionam com as mais velhas. Essas interações se dão baseadas em experiências coletivas que cada indivíduo enfrentou na juventude. O estudo ainda permite analisar avanços na tolerância social, não só com pessoas transsexuais, transgêneras e travestis, mas com toda a comunidade LGBTQIAPN+ ao longo do século XX, até o início do XXI. Para França e Soares (1997, p.151), as trocas

⁷ SHEEHY, G. Novas Passagens. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

intergeracionais podem se tornar uma ferramenta de muita utilidade na quebra de preconceitos: “[...] as trocas geracionais não devem se limitar à família e aos programas e políticas governamentais, mas serem expandidas às instituições privadas e a outras representações da sociedade”. Com essa medida, se torna possível um maior avanço nas relações entre as novas e as velhas gerações, possibilitando trocas que combatam intolerâncias e permitam emancipação social para todos os indivíduos envolvidos.

A intergeracionalidade relaciona-se, portanto, à questão interseccional. Conforme Rodrigues, Carneiro e Nogueira (2018) a interseccionalidade⁸, como o termo sugere, se dá na intersecção de raça e gênero entre outras clivagens. As feministas negras desenvolveram análises políticas que reconheciam como os diferentes sistemas de opressão se cruzam e interagem, criando formas distintas de discriminação.

De acordo com Oliveira (2018, p. 19), “um debate interseccional permite colocar em evidência reflexões que emergem de setores variados de nossa sociedade, como o movimento social de negras e negros, o movimento LGBT e o movimento feminista, dentre outros”. De mesmo modo que para o feminismo negro, as reivindicações dos direitos para a comunidade trans, nascem da não identificação com outros grupos pertencentes a sigla LGBTQIAPN+, e pela luta em prol de políticas que confirmem notoriedade a essa comunidade. “Para além disso, o movimento trans no Brasil, a partir do ativismo de algumas travestis, tem possibilitado um crescente reconhecimento de direitos para as pessoas trans” (Rodrigues, Carneiro e Nogueira, 2018, p. 34).

Assim, a necessidade de reconhecimento e inclusão não se limita apenas à intersecção de raça e gênero. Alinhando o conceito interseccional e as possibilidades do mundo trans, para compreender as complexidades que podem derivar a questões de classe, orientação sexual, deficiência, idade, e outras. Portanto, entende-se a pessoa trans, como um ser múltiplo (como todos os outros), atrelado às diversas questões que permeiam o ambiente social.

Os autores aqui consultados convergem no entendimento de que o preconceito contra as pessoas mais velhas é baseado no seu valor social, fundamentado pela proatividade imposta à sociedade capitalista, correspondendo, assim, à importância e à “utilidade” que o indivíduo tem na sociedade. Portanto, além das vulnerabilidades

⁸ Segundo Rodrigues, Carneiro e Nogueira (2018, p. 34) o surgimento da palavra “interseccionalidade” se dá a partir da não identificação de mulheres negras entre os grupos antirracistas e feministas, culminando na criação do chamado feminismo negro.

rotineiras das pessoas mais velhas, uma pessoa trans sofre com marginalização e violência em sua própria pele, considerando sua baixa expectativa de vida.

No que se refere à diversidade geracional, o entendimento da luta e o reconhecimento do valor de pessoas transidas na reivindicação da vida, saúde e bem estar é de extrema importância para o movimento social. Ademais, é essencial para o processo de aceitação e visibilidade dessa população tão marginalizada, que enfrenta inúmeros preconceitos. Em relatos no livro “*Velhice transviada: Memórias e reflexões*”⁹, dá-se visibilidade à maior necessidade de pessoas transidas minorizadas, que seria o direito à saúde e à moradia — relatos de pessoas trans que se “desmontaram” ou “destransicionaram” para serem aceitas por familiares e até mesmo pela sociedade, a fim de terem cuidados básicos. Tal problemática dialoga com a ausência dos dados:

Estima-se que a média de vida de uma travesti seja de 35 anos. No Brasil, não há estatísticas oficiais para determinar quantos somos, tanto vivos quanto mortos. Como as nossas vidas são marginais, sofrendo humilhações e violências simbólicas e físicas, considero que quem sobrevive acima dos cinquenta anos já pode ser considerado uma pessoa transvelha” (Nery, 2019, p. 3).

A reflexão sobre a velhice transsexual é algo que precisa ser analisado e visibilizado para a sociedade, mas, acima de tudo, para o governo. Políticas públicas em apoio a essa população, o acesso aos relatos e reflexões dos transidosos trazem à pauta a questão da dignidade e do cuidado necessário com essa população — além dos direitos básicos, como alimentação, moradia, saúde e cuidado.

Trocas no CineTrans: um percurso analítico para compreensão

A presente pesquisa, que busca compreender as relações intergeracionais nas sessões do CineTrans, foi originada a partir das trocas entre participantes. Portanto, o ponto de partida foi da observação participante (Minayo, 2016) de estudantes extensionistas. Uma grande contribuição nas discussões do CineTrans foi dada com a participação ativa de Luana Costa, mulher trans, ativista dos direitos da pessoa idosa, falecida em dezembro de 2024¹⁰. Sua partida foi sentida nas sessões do CineTrans de 2025, mas suas contribuições são um legado. Luana participou desde as primeiras edições e destacou-se na última sessão do ano 2024, com a exibição de *Janaína Dutra*:

⁹ NERY, J W. *Velhice transviada: memórias e reflexões*. São Paulo: Hoo Editora, 2019.

¹⁰ Para saber mais: <https://cineclubetrans.wixsite.com/cine-clube-trans>

uma dama de ferro, quando relatou sobre o movimento social e a luta por direitos LGBTQIA+.

Diante deste contexto, os participantes do cineclube foram convidados a responder a questões a partir de questionário estruturado (Duarte, 2006), enviado em abril de 2025. Além de dados sobre faixa etária e identidade de gênero, as questões versaram sobre: a) percepções sobre diversidade geracional na comunidade trans (pensamento e compreensão da vida trans entre as gerações); b) demandas que mais preocupam as diferentes faixas etárias da comunidade trans (linguagem, opiniões, identidade, movimento social, visibilidade nos meios de comunicação); c) contribuições da diversidade de faixas etárias nas trocas de experiências relatadas durante as sessões do CineTrans. A coleta de dados registrou 20 respostas de pessoas cis e trans participantes das sessões.

Diversidade e intergeracionalidade em perspectiva: análise dos resultados

Como ambiente aberto ao público, o cineclube recebe diversas pessoas, principalmente estudantes de ensino superior e ativistas LGBTQIAPN+, de diferentes identidades de gêneros e idades. Os dados do questionário apontam que a maioria das pessoas participantes respondentes tem 20 anos ou menos (35%), além de 20 a 30 anos (30%), mas há participação de todas as faixas etárias nas sessões, de 30 a 40 anos (10%), de 40 a 50 anos (10%), de 50 a 60 anos (10%) e 60+ (5%). Todos expressam e solidificam o debate, com suas divergências.

Ademais, a identidade de gênero das pessoas respondentes, que já participaram de sessões do CineTrans, tem o predomínio de mulheres cis (50%), seguido por mulheres trans (25%), mas também persistem pessoas não-binárias (10%), homens cis (10%) e homens trans (5%). Questionados sobre a percepção da diversidade geracional dentro da comunidade trans, onze pessoas relataram que percebem, sete que percebem às vezes, uma pessoa que percebe, mas não se importa e também uma pessoa diz que não percebe.

Ao relatar a diversidade geracional nas próprias sessões do CineTrans, foi questionado aos respondentes se percebiam contribuições da diversidade de faixas etárias nas trocas de experiência relatadas durante a sessão do cine, obtendo uma devolutiva positiva, com 85% de concordância a essa pergunta.

Do ponto de vista qualitativo, destacamos algumas contribuições das pessoas respondentes, aqui chamadas de Participantes para manter a confidencialidade (Gil, 2019). A seguir as falas foram numeradas (1-20), já que o questionário recebeu 20 respostas, de abril a junho de 2025.

Para uma mulher trans na faixa etária entre 30 e 40 anos (P14), as trocas intergeracionais são de grande valor para a comunidade trans: “Jovens podem aprender com as trajetórias de pessoas trans mais velhas, enquanto estas encontram novas formas de expressão e resistência nas experiências das gerações mais novas”. E para uma pessoa não-binária (P20), com 20 anos ou menos, a juventude trans atual carrega consigo ideais mais revolucionários, que unificam a comunidade em um senso político.

Um homem trans na faixa de 50 a 60 anos destaca: “Gerações mais velhas têm preocupação com envelhecimento e solidão, com a ideia de estarem sós e serem institucionalizados em espaços transfóbicos” (P4). Segue: “Gerações mais jovens estão a utilizar experiências pessoais para questionar e ressignificar a transgeneridade a partir de perspectivas com mais variáveis, trazendo muito de não-binariedade e afins para dentro das discussões”. Sobre a mesma questão, uma pessoa não binária de menos de 20 anos (P12), destaca a falta de união entre gerações no levante para uma luta com reivindicações, pondo em evidência, um certo comodismo quando gerações mais velhas alcançam um certo conforto. P4 acrescenta:

Havia uma amiga nossa muito querida, que nos deixou, que trazia sempre a questão de envelhecer e desacolhimento, de despreparo social. Quando pessoas trans relatam suas experiências, elas inevitavelmente criam um campo de discurso geracional, porque suas linguagens e avaliações das experiências também são estruturadas a partir da temporalidade de sua existência - revisitada ou não pela leitura e troca. (P4, 2025, sp)

Uma mulher cis (P9), na faixa de 20 a 30 anos, lembra das questões de saúde, já que pessoas trans mais velhas costumam levantar pautas sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), uma preocupação menos recorrente com os jovens. A mesma pessoa não-binária (P12), também destaca a importância de debates intergeracionais para o fortalecimento da luta. As pessoas respondentes destacaram a falta de políticas específicas para idosos trans, que enfrentam solidão devido ao afastamento familiar e à perda de redes de apoio. Além disso, cuidados de saúde não consideram especificidades como efeitos da hormonização prolongada ou traumas acumulados por décadas de discriminação. Muitos não possuem aposentadoria formal devido a trajetórias laborais

interrompidas pela transfobia, por isso a importância das trocas entre as gerações. A diversidade geracional no CineTrans mostra diferentes obstáculos e experiências no que se refere à transfobia, violência física, saúde mental e família. Apesar das divergências, das diferentes percepções e conhecimentos compartilhados sobre as produções, o debate possibilita aprofundamento do pensamento crítico sobre as múltiplas vivências trans, escuta às pautas que estimulam a luta por dignidade, cuidado e afeto.

Considerações finais

A comunidade trans enfrenta preconceitos que vão desde a juventude até a velhice. A partir da troca entre esses dois grupos etários, é possível identificar mudanças sociais ao longo dos anos, e entender como combater estigmas que vêm há muito tempo marginalizando essas pessoas. Ao analisar as trocas intergeracionais, é possível entender o cenário atual e pensar em iniciativas que possam mudar o futuro das próximas gerações que pertencerão à comunidade transgênero, travesti e transsexual no Brasil.

A partir da análise – realizada com o entendimento de participantes do projeto CineTrans – entende-se que, ao criar um ambiente de diálogos, agregando debates intergeracionais e interseccionais, tais encontros tornam-se ferramentas de importância na emancipação social da comunidade trans em Curitiba. Com as sessões, cria-se uma noção dos conflitos das novas e das velhas gerações, sendo a mais jovem, de relação mais direta com o acesso a lugares, direitos e linguagens. E as gerações mais velhas com dificuldades para frequentar a universidade e apresentam preocupações com sua dignidade, como acesso à saúde e ao cuidado respeitoso na velhice.

O uso do audiovisual em conexão às rodas de conversa proporciona profundas reflexões, que agem como meio de denúncia, mas também de acolhimento. O CineTrans se apresenta, portanto, como espaço de mediação social, discussão interseccional e luta política por diversidade.

Referências

BENEVIDES, B. G. **Dossiê assassinato e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024**. ANTRA, Brasil, 2025.

DUARTE, J. Entrevistas [questionários]. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2006.

FRANÇA, L H; SOARES, N E. A Importância das Relações Intergeracionais na Quebra de Preconceitos sobre a Velhice. In: VERAS, R P. (Org.). **Terceira Idade: desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

FREIBERGER, C. et al. Cineclube Trans: criando diálogo sobre a temática trans a partir do cinema. In: **XII Enpecom**, Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2023, p. 1-15.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 59ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7 ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Conheça o Brasil - População: quantidade de homens e mulheres**. IBGE, 2022.

JORGE, M. Estudo pioneiro na América Latina mapeia adultos transgêneros e não-binários no Brasil. **Jornal da Unesp**, 12 nov. 2021.

LAUFER, R S.; BENGSTON, V L. Generations, Aging and Social Stratification and the Development of Generational Units. **Journal of Social Issues**, Washington, v. 30, p. 181-205, 1974.

MINAYO, M C de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta In: MINAYO, M C de S (org); DESLANDES, S F; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, M. R. G. O que não tem nome não existe! Feminismo negro e o percurso histórico do conceito de Interseccionalidade. In: OLIVEIRA, L. G; CUNHA, J. M; KIRCHHOFF, R. (Orgs). **Educação e interseccionalidades**. 1ª. ed. Curitiba: Ed. NEAB UFPR, 2018.

RODRIGUES, L; CARNEIRO, N S; NOGUEIRA, C. Problematização do feminismo interseccional: o lugar das pessoas trans (gênero) no Brasil e em Portugal. **Seminário múltiplas discriminações**, 2018.

SANTOS NETO, E; FRANCO, E S. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. In: **Revista de Educação do COGEIME**, n. 36, janeiro/junho 2010, p. 9-25.

SCHOVARTS, N dos S et al. Diversidade geracional no CineTrans: um relato da experiência sobre desafios e aprendizados do cineclube do Ncep UFPR. **Anais do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Chapecó: Intercom, 2025.

SPIZZIRRI, G; et al. Proporção de pessoas identificadas como transgênero e gênero não binário no Brasil. **Relatórios Científicos**, v. 11, n. 2240, 26 jan. 2021.

VIANA, A S; LIMA, M A A. Velhice trans: breve análise a partir da obra *Velhice transviada* de João W. Nery. *fólio*. **Revista de Letras**, Itapetinga, v. 13, n. 2, 2021.

WARCHOLZ, P. A.; FIAMONCINI, F.K. Diferenças Intergeracionais no Contexto Brasileiro: reflexões e perspectivas. **Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento**, 2006.